

Cultura

QUARTA-FEIRA • 27 DE FEVEREIRO DE 2013

Diário do Minho

Este suplemento faz parte da edição n.º 29874
de 27 de fevereiro de 2013, do jornal *Diário do Minho*,
não podendo ser vendido separadamente



> “Natureza viva...”
– Bom Jesus, Braga, 2012
[Foto de Alfredo Vilaça]

Efemérides

culturais

POR

AMÉRICO BRITO

AMORA — FEVEREIRO DE 2013

de Março

Foi no dia **2 de Março de 1416** que nasceu, em Lisboa, **D. Martinho Afonso Pires de Miranda** (ou Charneca). Foi Bispo de Coimbra e **Arcebispo de Braga**. Também terá sido bispo do Porto, segundo alguns genealogistas. Doutor pela Universidade de Bolonha, foi um dos principais conselheiros do monarca D. João I, acompanhando-o tão de perto que lhe chegaram a chamar “sombra d’el rei” e esteve a seu lado na Batalha de Aljubarrota. Terá sido também seu embaixador em França. Provavelmente foi aio ou mordomo-mor de D. Duarte. O rei D. João I fez-lhe doação de vários bens, concedendo-lhe ainda o padroado da lisboeta Igreja de São Cristóvão, onde fundou uma capela que depois foi conhecida como “sacristia velha”, destinando-a para seu jazigo e de seus descendentes.

Foi no dia **5 de Março de 1984** que morreu, no Porto, **Pedro Homem de Mello**. Ali tinha nascido no dia 6 de Setembro de 1904. Em 1926 formou-se na Faculdade de Direito de Coimbra e foi delegado do Procurador da República em Águeda, no ano seguinte. Também exerceu advocacia e foi professor do ensino secundário, sendo director da Escola Comercial Mouzinho da Silveira. Estudioso do folclore português, dedicou nesta área numerosos programas de televisão, assim com escreveu vários ensaios. Como poeta, fez parte do movimento da revista “Presença”. Ganhou, em 1972, o Prémio Nacional de Poesia, com “Eu desci aos Infernos”. Entre

os seus poemas mais famosos destacam-se “Povo que Lavas no Rio” e “Havemos de Ir a Viana”, imortalizados por Amália Rodrigues, e “O Rapaz da Camisola Verde”, cantado por Frei Hermano da Câmara. **Afife (Viana do Castelo)** foi a terra da sua adopção. Ali viveu durante anos num local paradisíaco, no Convento de Cabanas, junto ao rio com o mesmo nome, onde escreveu parte da sua obra, “cantando” os costumes e as tradições de Afife e da Serra de Arga.

Foi no dia **6 de Março de 1958** que morreu, em Leça da Palmeira, **Oscar da Silva**. Tinha nascido no Porto no dia 21 de Abril de 1870. Estudou no Porto e em Lisboa, antes de, em 1892, partir para a Alemanha. Nos Conservatórios de Lipsia e de Francoforte do Meno fez estudos de Piano e de Composição. Como concertista actuou nas principais cidades da Europa e da América, nomeadamente no Brasil, onde passou largas temporadas. Como compositor cultivou um lirismo intimista, tendo enriquecido a escassa produção nacional para piano com um bom número de páginas valiosas. O saudosismo de Teixeira de Pascoaes inspirou-lhe a *Sonata Saudade*, 1915, e a colectânea de peças pianísticas Saudades. Além da música para piano, compôs a ópera “D. Mécia”, o poema sinfónico “Mariana” e as peças orquestrais “Dolorosas”.

Foi no dia **8 de Março de 1727** que morreu, no Porto, **Frei Fernando de Abreu**. Ali tinha nascido em



O poeta **Pedro Homem de Mello**, autor da quadra inscrita neste azulejo, morreu no Porto no dia **5 de Março de 1984**

data não definida. Foi frade dominicano, sócio da Academia Real da História, consultor do Santo Ofício e desembargador da Relação Eclesiástica Patriarcal. Foi ainda deputado da Junta das Missões. A Academia Real da História encarregou-o de escrever a “História do Bispado de **Miranda**”, em Português, enquanto Frei Bartolomeu de Vasconcelos o faria em Latim, projectos que acabariam por não ser levados a cabo. Frei Fernando de Abreu publicou o “Catálogo dos Bispos de Miranda”, 1721. Esse trabalho foi inserido nas “Memórias da Academia Real de História Portuguesa”.

Foi no dia **9 de Março de 1930** que morreu em La Guardia, Galiza, **Luís Gonzaga de Azevedo**. Tinha nascido em **Arcos de Valdevez** no dia 25 de Setembro de 1867. Formado em Teologia na Univer-

sidade de Coimbra, e já sacerdote, fez-se jesuíta em 14 de Julho de 1898. Foi superior da Casa de Escritores em Alsemlberg, Bélgica, e na cidade galega de Pontevedra, 1913-1917, chegando a vice-Provincial em 1923. A partir da instauração da República, em 5 de Outubro de 1910, com a expulsão dos Jesuítas, dedicou-se à investigação histórica, tendo contribuído com objectiva serenidade para a revisão crítica da História de Portugal, visando libertá-la de erros e falsidades que têm desfigurado factos, homens e instituições. Mostrou-se sagaz nas pesquisas e na análise da documentação, tendo publicado “Proscritos – Jesuítas na Revolução Portuguesa”, 1911, e “O Jesuíta – Fases de Uma Lenda”, 1913, em dois volumes. Ao falecer, deixou prontos para a imprensa seis volumes da *História de Portugal*, até ao reinado de

D. Afonso III, que vieram a lume entre 1935 e 1944.

Foi no dia **10 de Março de 1980** que morreu, em Lisboa, **Vasco de Lima Couto**. Tinha nascido no Porto no dia 26 de Novembro de 1924. Muito cedo iniciou a carreira das artes, como declamador. Em 1952 ingressou, como actor estagiário, no Teatro Nacional D. Maria II, em Lisboa. Antes disso já tinha pertencido ao Teatro Experimental do Porto e, posteriormente, ao Teatro-Estúdio de Lisboa e à Cooperativa Repertório. No teatro também fez encenação. Colaborou na página literária do “Jornal de Notícias” e gravou poesia em disco. Publicou os livros de poemas *Romance*, *Recado Invisível*, *Olhar do Silêncio* e *Silêncio das Palavras*. Igualmente escreveu poemas para muitas canções e fados, interpretados por artistas da sua geração. É recordado na sua Casa-Museu, que está bem viva na Vila da Barquinha.

Foi no dia **13 de Março de 1936** que morreu, em Coimbra, **Elias Luís Aguiar**. Tinha nascido em **Vila do Conde** no dia 2 de Fevereiro de 1880. Sacerdote em 1902 e professor do **Seminário de Braga**, desde 1913, fixou residência em Coimbra, onde viria a ser nomeado cônego. Frequentando as Faculdades de Direito e de Letras (1913-1920), dedicou-se à música. Dirigiu o Orfeão Académico (1915-1932), onde realizou obra notável, com espectáculos de grande nível em Portugal e no estrangeiro. Foi professor de Música na Faculda-



A escritora **Ilse Losa** nasceu no dia **20 de Março de 1913**

à tradução e à literatura infanto-juvenil, tendo sido galardoada, em 1984, com o Grande Prémio Gulbenkian para o conjunto da sua obra dedicada às crianças. Em 1998 recebeu o Grande Prémio de Crónica, da APE – Associação Portuguesa de Escritores, devido à sua obra *A Flor do Tempo*. Colaborou em diversos

jornais e revistas, alemães e portuguesas, estando representada em antologias de autores portugueses e colaborou e traduziu antologias de obras portuguesas publicadas na Alemanha. Traduziu do alemão para português alguns dos mais consagrados autores. Em 9 de Junho de 1995 recebeu a Comenda da Ordem do Infante. Morreu no Porto no dia 6 de Janeiro de 2006.

Foi no dia **22 de Março de 1843** que nasceu, no Porto, **Guilherme Braga**. Irmão de Alexandre Braga, sofreu-lhe a influência. Mais tributária se tornou, contudo, a de Victor Hugo, quanto a temática e quanto à grandiloquência do verso alexandrino. Aderiu ao grupo “A Grinalda”, de que faziam parte Júlio Dinis e Ramalho Ortigão. Temperamental, poeta inflamado pelas ideias político-sociais da época, era panfletário e toscamente anticlerical, mas quando lírico

de de Letras e no Seminário de Coimbra. Deixou no prelo a obra “Tocatas de Carlos Seixas e Duarte Lobos – Anotação Moderna”.

Foi no dia **20 de Março de 1913** que em nasceu, em Osnabruck, Baixa Saxónia, **Ilse Lieblich Losa**, de origem judaica. Frequentou o liceu na sua terra natal, e o Instituto Comercial, em Hannover. Ameaçada pela Gestapo de ser enviada para um campo de concentração devido à sua origem, abandonou o seu país com a família, indo para Inglaterra, onde teve os primeiros contactos com escolas infantis e com os problemas das crianças. Chegou a Portugal em 1934, tendo-se fixado na cidade do Porto, onde casou, em 1935, com o arquitecto Arménio Taveira Losa, adquirindo a nacionalidade portuguesa. Em 1943 publicou o seu primeiro livro, *O Mundo em que Vivi*, e, a partir daí, dedicou-se

impregnava de ternura e sensibilidade os seus poemas. Tornou-se por isso um precursor quer de Guerra Junqueiro quer de António Nobre. Eis algumas das suas obras: *Ecos de Aljubarrota*, 1868, *Heras e Violetas*, 1869, *O Mal da Delfina*, 1869 (sátira à *Delfina do Mal*, de Tomás Ribeiro), e *Poesia*, 1898. Morreu na sua terra natal no dia 26 de Julho de 1874.

Foi no dia **25 de Março de 1934** que morreu, em Lisboa, **António José Arroyo**. Tinha nascido no Porto no dia 19 de Fevereiro de 1856. Engenheiro pela Academia Politécnica do Porto, em 1878, trabalhou na construção dos caminhos-de-ferro, foi inspector do ensino comercial e industrial, onde desenvolveu uma obra meritória. Também foi membro do Conselho das Obras Públicas. Deixou vasta bibliografia, que incluiu estudos sobre temas literários e artísticos, principalmente no sector da Música. Foi colaborador da revista “A Águia”, onde os seus escritos de índole vária (memórias, relatórios, polémicas, ensaios, críticas...) revelam uma inteligência culta, mas prejudicadas por certo diletantismo nas ideias. Entre outras obras, publicou *Soares dos Reis e Teixeira Lopes*, 1899, *A Música de Wagner e a Arte do Canto*, 1906-1907, *O Canto Coral e a Sua Função Social*, 1909, *A Tetralogia de Wagner*, 1909, *O Caso do Monumento ao Marquês de Pombal*, 1914 e *Singularidades da Minha Terra*, 1917.

Foi no dia **29 de Março de 1942** que morreu, no Porto, **D. António Augusto de Castro Meireles**.

Tinha nascido em Boim, Lousada, no dia 13 de Agosto de 1885. Foi durante 13 anos **Bispo do Porto** e durante mais de 19 esteve à frente da diocese de Angra do Heroísmo. Após concluir o curso teológico no Seminário de Nossa Senhora da Conceição, no Porto, em 1915, licenciou-se em Teologia e em Direito pela Universidade de Coimbra, em 1911. Exerceu advocacia e foi deputado pelo Centro Católico, em 1915. Fundou em Vila Nova de Gaia um novo seminário para a preparação de sacerdotes, empenhando-se na criação de residências para os párocos em todas as freguesias da sua diocese.

Foi no dia **30 de Março de 1745** que nasceu, no Porto, **António Ribeiro dos Santos**. Em 1756 foi para o Brasil, tendo estudado Humanidades com os Jesuítas, no Rio de Janeiro. Regressado a Portugal em 1764, doutorou-se em Direito na Universidade de Coimbra em 7 de Fevereiro de 1271 e nela foi professor de 1779 a 1795. Cónego doutoral das Sés de Viseu (1793), Faro (1800) e Évora (1804), foi cronista da Casa de Bragança (1795), o primeiro bibliotecário da Universidade de Coimbra (cargo criado em 1777) e o fundador, em 1796, da Biblioteca Nacional. Poeta arcade sob o nome de **Elpino Duriense**, cantou sem alento temas científicos e filosóficos. Iniciou em Portugal a investigação sobre a tipografia, a literatura hebraica, e a história das matemáticas, entre outras. Os seus trabalhos eruditos vieram a lume nas “Memórias da Academia das Ciências”, tomos II a VIII. ▶

Luísa Vasconcelos (Aguiar Gomes) inaugura sábado (dia 2) uma exposição de pintura na Biblioteca Craveiro da Silva



A artista **Luísa Vasconcelos Aguiar Gomes**, de quem publicámos uma entrevista em 12 de setembro de 2012, inaugura no próximo sábado, **dia 2 de Março, às 15h00**, na Biblioteca Lúcio Craveiro da Silva, em Braga, uma Mostra de Pintura dedicada aos Açores, sua terra-natal. A exposição tem o apoio daquela Biblioteca e da Associação Famílias. A apresentação da pintora está a cargo do Prof. Doutor Miguel Bandeira, da Universidade do Minho, seguindo-se um sessão de leitura de poemas, alusivos ao arquipélago açoriano, da autoria de vários poetas, leitura essa que será feita pela Dr.ª Marta Torcato. No final da sessão será servido Chá dos Açores. Luísa Vasconcelos Aguiar Gomes nasceu em Angra do Heroísmo, onde viveu até aos 12 anos, idade com que veio para o Continente. Radicada em Braga há várias décadas, foi durante longos anos professora de Geografia na Escola Secundária de Carlos Amarante (Braga).

Pretextos

POR
A. BRITO

Alexandre Herculano: um dos “bravos do Mindelo”

Alexandre Herculano de Carvalho Araújo nasceu em Lisboa no dia **28 de Março de 1810**, no seio de uma família modesta: a mãe era filha e neta de pedreiros da Casa Real e o pai funcionário da Junta de Crédito Público. A sua infância e adolescência foram marcadas por grandes acontecimentos como as Invasões Francesas e a implantação dos ideais liberais que acabaram por nos conduzir à Revolução de 1820. Entre 1820 e 1825 estudou com os Oratorianos no Colégio de São Filipe Nery. Matriculou-se depois na Aula de Comércio e na cadeira de Diplomática.

Envolvido, em 1831, no levantamento liberal de um regimento, refugiou-se em França, tendo frequentado a Biblioteca Pública de Rennes e a Biblioteca Nacional de Paris. Reuniu-se aos liberais aos exilados na Inglaterra e como soldado raso fez parte da expedição que desembarcou a sul do Mindelo. Em 1833 passou a trabalhar como segundo-bibliotecário na Biblioteca Pública do Porto. Mais tarde fixou-se em Lisboa, começando por se dedicar ao jornalismo. Em 1860, recusou o convite do monarca D. Pedro V para reger uma cadeira no projectado Cur-

so Superior de Letras. A partir de 1867, dizendo-se desiludido com a situação do País, dedicou-se exclusivamente à agricultura nos arredores de Santarém. Faleceu em Vale de Lobos, Santarém, no dia 13 de Setembro de 1877. Poeta, romancista, polemista e historiador, estreou-se na poesia em 1836, com *A Voz do Profeta*. Nele se veio a inspirar Antero de Quental. Introduziu em Portugal o romance histórico com *Eurico, o Presbítero*, 1844, *O Monge de Cister*, 1848, e *Lendas e Narrativas*, 1851. ▶

A Sala de Jantar da Casa dos Biscainhos e os Condes de Bertlandos⁽²⁾

Modernidade e pré-romantismo no primeiro terço do século XIX

POR
**TERESA DE ALMEIDA
D'EÇA**

MUSEU DOS BISCAINHOS

Na sequência do artigo que publicou nestas páginas do caderno "Cultura" no dia 14 de novembro de 2012, a Dr.^a Teresa de Almeida d'Eça aborda hoje a Sala de Jantar do Museu dos Biscainhos contextualizando-a na época e na Família dos Condes de Bertlandos, a quem esta Casa pertenceu.

Corria o ano de 1825 e, na data primaveril de 30 de Maio, no Oratório do Palácio dos 3.^{os} Marquesses de Penalva, em Lisboa, o 1.^o Conde de Bertlandos contraía matrimónio com a Senhora Dona Teresa de Jesus Teles da Silva, filha daqueles titulares, representantes da alta nobreza de então, concretizando uma das mais significativas alianças a que se alçou a Família da Casa dos Biscainhos.

Gonçalo Pereira da Silva de Sousa e Meneses nasceu no imóvel a 10 de Janeiro de 1797 e foi batizado seis dias mais tarde, pelo Arcebispo de Braga D. Frei Caetano Brandão, no Paço Episcopal. Foi Senhor "de toda a grande Casa de seus pais, Licenciado em Leis pela Universidade de Coimbra, Procurador de Braga às Cortes de 1829, Senador pelo Distrito de Braga desde 1838 a 1841, Governador Civil de Braga em 1852, do Conselho de Sua Majestade Fidelíssima D. Maria II, Par do Reino, Comendador e Grã-Cruz da Ordem de Cristo, Comendador da Ordem da Conceição, 3.^o Senhor da Vila de Bertlandos, 1.^o Visconde de Bertlandos com Grandeza, Senhor Donatário do Couto de Francemil, Moço Fidalgo da Casa Real, com exercício no Paço, acrescentado a Fidalgo Escudeiro", e 1.^o Conde de Bertlandos.

Refere-se que os Marquesses de Penalva, que possuíam outros títulos como o marquesado de Alegrete, nos finais do século XVIII, habitavam um palácio situado em Santa Apolónia, Lisboa, assegurando "um dos salões literários mais cultos e ele-



"Sala de Jantar da Casa dos Biscainhos com integração das telas parietais do primeiro terço do século XIX.

Fotografia in BESSA, Arq.^o Alberto da Silva. – "Anteprojecto. Obras de conservação, restauro e adaptação da Casa dos Biscainhos ...", 1965.

(Imagem amavelmente trabalhada pelo Srs. Drs. Rui Braga e Eurico Gomes (Museu dos Biscainhos))



Pintura a têmpera sobre tela integrada na parede norte da Sala de Jantar da Casa dos Biscainhos, que se interpreta como ilustrando a zona fluvial e marítima de Lisboa. Presumível autoria portuguesa. Primeiro terço do século XIX. Imagem amavelmente trabalhada pelo Sr. Dr. Vítor Hugo Coimbra Torres (Museu de Arqueologia D. Diogo de Sousa).

gantes do país". O seu estilo de vida foi ressaltado pelo inglês William Beckford, que tendo viajado e vivido entre nós, raramente se manifestou positivamente sobre os hábitos da aristocracia portuguesa, e que, a propósito de uma refeição na casa daqueles, registou um excepcional comentário, "consistia em chocolate, doces, chá e excelente café e era servida em porcelana de Dresden, admiravelmente pintada. Nunca assisti a um tão notável almoço em Inglaterra. As toalhas e guardanapos eram lindíssimos e curiosamente bordados com armas e flores, em vermelho sobre fundo branco. Muitas salvas com enormes morangos perfumavam a casa, de cujas janelas se via uma grande extensão do Tejo».

A união com uma tão importante família poderá estar na origem da significativa remodelação introduzida na **Sala de Jantar da Casa dos Biscainhos** ainda no primeiro terço do século XIX, considerando que pouco mais de um quarto de centúria antes, o compartimento havia sido adaptado a essa nova funcionalidade, pelo que o trabalho em foco poderá ser atribuível à encomenda de Damião Pereira da Silva de Sousa e Meneses, Morgado de Bertandos, ou de seu filho, o Conde de Bertandos, presumindo-se que a obra em análise seja datável da segunda metade da década de 1820.

No conjunto das telas prevalece um mesmo estilo, destacando-se a cuidada pormenorização do tratamento da figuração popular claramente portuguesa e a aproximação à realidade arquitectónica de cariz nacional, em que se exceptua um ou outro caso tendo como provável fonte de inspiração, temática artística estrangeira, o que potencia o interesse documental das mesmas nestes dois níveis. Tecnicamente, trata-se de pintura a têmpera em policromia, sobre suporte têxtil de linho ou canhamo revestido a gesso,

predominantemente de formato rectangular com desenvolvimento longitudinal, cobrindo a totalidade dos panos murais. Relembramos que os painéis em foco, integrados no conjunto parietal, foram apostos sobre as paredes que possuíam à época outros revestimentos murais a fresco, datáveis dos finais do século XVIII, e que foram descobertos/desvendados no decurso das obras de restauro do imóvel, promovidas pela então Junta Distrital de Braga e orientadas pelo Arq. Alberto da Silva Bessa, no século XX, mais precisamente, nos anos 60.

Analizamos que o tratamento em foco, embora caracteristicamente ornamental, sendo encomenda dos donos da casa seguiria programação previamente definida por estes, equacionando-se a possibilidade de, tematicamente, abordar localidades que constituiriam o perímetro da vivência social da comunidade familiar que, com o casamento dos 1.ºs Condes de Bertandos passou a habitar o Palácio

dos Biscainhos, designadamente, Lisboa, Braga e Sintra, entre outros.

A totalidade pictórica da sala, ao nível da figuração humana constituiu fonte significativa do traje oitocentista, popular, burguês e nobre, salientando-se que proporcionou um dos pilares para a datação, e, simultaneamente, documentou aspectos sociológicos e etnológicos de tradições e costumes. As pinturas são, acrescidamente, base informativa da arquitectura da época, de meios de transporte e de economia, apresentando-nos um quadro vivo de representação do quotidiano português no ano de mil oitocentos e vinte e tal.

Consideramos que as obras em foco procedem de uma autoria comum, referenciando-se que algumas apresentavam no verso a marca manuscrita "D.H.", desconhecendo-se o que a mesma pretende identificar.

Avaliando o notável interesse do conjunto parietal, passamos a destacar uma

primeira tela (*ver imagem no cimo desta página*), identificada com o n.º de inventário 3286 MB, podendo imaginar esta como uma janela que se abre sobre o passado português, ou como uma fotografia que fixou no tempo um momento da vivência oitocentista.

A pintura em foco, é constituída por onze panos verticais cozidos entre si, representando ampla composição para um enquadramento preciso na parede norte do espaço mencionado, sendo a de maiores dimensões, com 7 metros de largura e cerca de 2,5 metros de altura, sobre a qual nos debruçaremos neste texto, deixando as seguintes para uma posterior divulgação.

Salienta-se que na zona inferior central foi recortada uma área para corresponder à inserção de um fogão de sala e de um espelho, aquele prevalecendo até hoje, desconhecendo-se se a característica foi contemplada na concepção original da pintura ou concretizada posteriormente, afigurando-se-nos ser esta última hipótese a mais provável.

Em termos globais, a obra ilustra uma paisagem de porto marítimo ou fluvial, que se interpreta como uma referência à cidade de Lisboa, vendo-se, à esquerda do observador, casario urbano; na área central, estruturas arquitectónicas de farol, paredões e cais, em que se verifica movimentação humana em passeio e faina portuária, assim como veleiros, uns aportados outros velejando à distância, e, finalmente, à direita, um grandioso chafariz com uma escultura antropomórfica. No edifício urbano rente à esquerda do observador, alto e com fachadas pintadas de vermelho, desenhando janelas de guilhotina, suspende-se entre o 2.º e 3.º andares uma placa com uma inscrição. Apresenta-se esta como uma interessante curiosidade pelo facto de, na pintura que analisamos, ter sido lançada uma referência a uma modista francesa atra-



Pormenor da pintura: tabuleta ilustrando o ateliê da Modista francesa Madame Perrin, que se presume estar relacionada com a 1.ª Condessa de Bertandos, a Senhora Dona Teresa de Jesus Teles da Silva, filha dos 3.ºs Marquesses de Penalva e Marquesses de Alegrete.



*Pormenor da pintura:
aguadeiro que se prepara para levantar
do chão um pote ou cântaro.*



*Pormenor da pintura:
barqueiros negros (?) em barçaça acostada junto ao cais.*



*Pormenor da pintura:
aguadeiro preparando-se para levantar
pipo cheio de água.*

vés de uma destacada tabuleta, no prédio referenciado, e em que se lê, "Md. Perrin Modiste".

Desde finais do século XVII que a França assumira a hegemonia do gosto e da moda no mundo ocidental, e muito embora a Revolução (1789) tivesse abalado profundamente a estrutura industrial montada à volta da indumentária, fonte significativa da economia, aquele país conseguiu reerguer-se retomando o protagonismo cimeiro que se estendeu até hoje, embora com novas premissas e concorrência.

Será curioso lançarmos uma espreitadela à "Gazeta de Lisboa" de 24 de Novembro de 1830, para nos deliciarmos com aspectos relacionados com o traje feminino de então, assim como atestarmos da importância das modistas francesas, instaladas na capital ao serviço das damas abastadas portuguesas, através de um anúncio em que aquela divulga o conteúdo do seu estabelecimento.

Consta assim em texto parcialmente actualizado: "Na rua nova do Carmo, nº 7 G, 1.º andar, no armazém de «Madama» Perrin, acha-se um grande sortido de fazendas vindas ultimamente de França, a saber: esmirma acetinado para vestidos de baile; dito bordado; xalles estampados, também para vestidos; "gros d'Alger" de todas as cores e debuxos; casimiras estampadas e matizadas para capas de Senhoras; sedas lisas e lavradas de todas as cores e qualidades; cortes de vestidos de bobinet, bordados de matiz e outros diferentes gostos; bijuteria falsa e fina; cintos bordados de gosto moderno; sapatos Franceses, e geralmente tudo o que serve

para ornamento e enfeite das Senhoras no último gosto: também se aceitam quaisquer encomendas das Províncias, e de fora do Reino".

Poderemos conjecturar que o enxoval da jovem filha dos Marqueses de Alegrete, ainda a viver nas casas de seus pais, terá sido encomendado àquela profissional, garantia do requinte, qualidade e modernidade, que a moda francesa representava no contexto europeu de então, e ponderamos que, mais tarde, e já como Condessa de Bertandos, embora a viver no norte do país, nesta verdejante província então designada de Entre-Douro-e-Minho, distribuindo-se pelos seus domínios senhoriais de Biscainhos, em Braga, ou de Bertandos, em Ponte de Lima, entre outros, não terá deixado de manter o seu "status", continuando a encomendar os artigos de Madame Perrin, premissa tão importante à época, o que a tela da Sala de Jantar documenta.

Sobre a esquina do primeiro paredão, situa-se um casal voltado de frente, cujo traje se interpreta como aristocrático/ burguês, sendo possível identificar a indumentária essencial, datável da segunda metade da década de 1820, a dama trajando um vestido cor de salmão, de cintura um pouco subida, mangas compridas e decote quadrado, desenhando um comprimento até aos tornozelos; sobre a cabeça ostenta um chapéu e, na mão direita, segura um leque fechado. A seu lado, a figura masculina, de cabeça coberta por chapéu alto ou cartola, veste uma casaca verde e calças compridas, havendo estas sido recém-introduzidas (desde c. 1821) na indumentária masculi-

na portuguesa das classes mais abastadas, em substituição do tradicional calção que a Revolução Francesa erradicara no resto da Europa, desde o início do século XIX.

Prosseguindo a descrição, avista-se um pontão lítico estruturado sobre arcaria parcialmente submersa, que avança sobre as águas; neste, localiza-se um par de carregadores que transporta uma pipa suspensa de cordas a partir de uma vara carregada aos ombros, numa época em a força humana e a animal constituíam a base expressiva da maior parte das actividades.

Mais à direita do observador, numa barçaça acostada ao cais, encontram-se dois barqueiros, um dos quais posicionado de costas e segurando uma corda, desvenda pés descalços, e o segundo prendendo a vela ao mastro. A tez escura destes remete-nos para uma reflexão sobre a presença da escravatura em Portugal continental até 1762, e sobre o processo em que a negritude se foi gradualmente diluindo através de sequentes miscigenações. Na extremidade direita inserem-se os elementos escultóricos do chafariz de que se destaca uma figura antropomórfica mítica, sobrepujada por uma espécie de lintel com uma inscrição numérica latina, e, num nível inferior, postam-se dois leões majestosos de cuja boca jorra água.

Passamos a descrever um grupo que nos projecta um retrato de autenticidade, memória de hábitos que o progresso extinguiu: o abastecimento de água em chafarizes públicos para fornecimento doméstico do dia-à-dia.

Na fonte monumental mencionada posi-

cionam-se diversas figuras populares em atitudes de grande naturalismo: ali vemos um homem de camisa e calças brancas que presumimos de linho, cintadas por faixa vermelha, que se prepara para levantar do chão um pote ou cântaro; junto da taça, duas mulheres conversam descontraidamente enquanto repousam os seus recipientes na borda, e a que perspectivamos de costas, veste camisa branca sob uma vasquinha vermelha, leva uma saia branca até aos pés a que se sobrepõe outra, escura e arregaçada (?). Naquela mesma bordadura do tanque, um pouco distanciado, um outro aguadeiro, avivado por faixa verde e colete vermelho, dobra as costas para içar um pipo acabado de encher, e podemos sentir o esforço do movimento; no lado oposto, um jovem, parcialmente encoberto pela fonte, usa lenço e carapuço vermelhos, e estende um recipiente ao cair da água, cuja sonoridade nos parece ouvir ecoar.

Voltando à esquerda, mas num terceiro plano, separadas do casario acima descrito por uma lingueta de água, vemos construções urbanas que se presume constituírem uma representação do património edificado de Lisboa, destacando-se uma de carácter palaciano, enobrecida por frontão triangular e pórtico com colunata.

No centro do pontão, que é rematado por um conjunto de construções em que se destaca uma torre com características de farol, podemos observar dois barcos veleiros junto dos quais se dispõem quatro vultos masculinos, dois dos quais presumíveis estivadores, movimentando horizontalmente três pipos.

Salienta-se que o **Museu dos Biscainhos** aguarda a oportunidade de restauro do património pictórico em foco, o qual esteve há alguns anos no extinto Instituto de Conservação e Restauro de José Figueiredo, onde recebeu oportunamente intervenções sumárias.

A **Sala de Jantar**, que, a partir dos finais do século XVIII, se definiria com a funcionalidade específica de tomada de refeições, área de aparato no contexto de sociabilização da mentalidade setecentista, recebeu uma transformadora intervenção de cariz decorativo, no primeiro terço do século XIX, constituída pela integração de um conjunto de telas com uma expressão que interpretamos como pré-romântica.

As requalificações desenvolvidas num mesmo espaço do Palácio dos Biscainhos, no decurso de pouco mais de um quarto de centúria, revestem-se de notável interesse para a História da Arte, dado documentarem a evolução ornamental dos interiores no nosso país, ao nível da introdução de tratamentos parietais, num período que se estende desde a estética neoclássica, que o nosso texto anterior referenciou prolongando-se pelo século XIX, permitindo que este património se reafirme como um paradigma da sensibilidade cultural portuguesa. ▀



Pormenor da pintura: jovem popular com lenço e carapuço vermelhos, que recolhe água que jorra da boca de um dos leões.



Pormenor da pintura: mulheres conversando junto à fonte, divulgando vestuário feminino popular em uso no período em foco.



Pormenor da pintura: barcos veleiros e figuração humana.

Glossário:

Armazém – Conceito de estabelecimento associado ao traje que, simultaneamente, assegurava a venda de bens e de serviços.

Cambraia – “Similar à cambraieta e à cassa é um tecido de linho ou algodão muito delicado e usado para artigos de vestuário, tais como fichus, golas, lenços, etc, também conhecido como batista em grande parte do mundo”.

Casimira – Tecido sarjado de trama fechada.

Cetim – “Ponto de tecelagem cujos ligamentos estão dispostos de forma a dissimularem-se entre as lassoas adjacentes, conferindo ao tecido uma superfície lisa”.

Pintura a têmpera – Técnica de pintura realizada com pigmentos cromáticos diluídos em água (tintas), associados a um colante de origem animal, ovo, cola ou leite, geralmente realizada sobre tela de linho ou cânhamo que recebe uma camada de gesso.

Referências

BESSA, Alberto da Silva. – “Obras de conservação, restauro e adaptação da Casa dos Biscainhos a Museu Etnográfico, de História e Arte Regional. Anteprojecto”, 28 de Junho de 1965. BIETOLETTI, Silvestra. – “Neoclassicism & Romanticism. 1770-1840”, Sterling Publishing Co., Inc., 2009.

“Diccionario universal da vida pratica na cidade e no campo: contendo noções de utilidade geral e de applicação diaria e todas as instruções usuas em materias de interesse individual doméstico e social segundo o plano de G. Belêze adaptado à sociedade portuguesa / adap. de Teixeira Bastos. – Magalhães & Moniz, editores, Porto, 1889, I vol., p. 317.

DIMAS, Dina Caetano. – Glossário in MUSEU NACIONAL DO TRAJE. – Museu Nacional do Traje. Roteiro. Edição de Instituto Português

de Museus, Lisboa, 2005, p. 165.

EÇA, Teresa de Almeida d'. – “História de uma das primeiras Salas de Jantar de Braga ⁽¹⁾. Nasceu na Casa dos Biscainhos e nos finais do século XVIII”. In «Diário do Minho», 14 de Novembro de 2012.

EÇA, Teresa de Almeida d'. – “Museu dos Biscainhos. Roteiro”. Instituto Português de Museus, LISBOA, 2005.

FRANÇA, José-Augusto. – “História da Arte em Portugal. O Pombalismo e o Romantismo”. Editorial Presença, Lisboa, 2004.

REIS, José Costa. – “A Genealogia da Casa dos Biscainhos”. Museu dos Biscainhos, Braga, 1998. Trabalho integrante do Arquivo do MB.

Observações:

Prossegue, em posterior artigo, a referência à evolução ornamental de uma das mais antigas Salas de Jantar de Portugal.



Horário de visitas ao Museu dos Biscainhos (Braga): Terça a domingo – 10h00-12h15 / / 14h00-17h30. O Museu tem entrada gratuita aos domingos e feriados, das 10h00 às 12h15.

Serviço Educativo – Contacto: 253.204.650 (de 2.ª a 6.ª feira: 9h00-12h30/14h00-17h30).

Visitas e actividades pedagógicas orientadas para o público escolar (do pré-Básico ao ensino universitário) e grupos sócio-culturais, mediante marcação prévia. O Serviço Educativo também acolhe iniciativas externas que estejam no âmbito do seu programa museológico.

Jardim histórico (com cerca de 10.000 m²).

Reflexões

de um bracarense em Londres

1. Os segundos são todos iguais

Acabou o sofrimento, a solidão e a agonia perante a consciência da insignificância...

Em frente à torre do relógio que alberga o grande sino londrino, com as margens do Tamisa iluminadas pela roda gigante e alegres explosões de coloridas estrelas que caíam sobre as nossas cabeças, entre o quinquagésimo nono segundo do quinquagésimo nono minuto da vigésima terceira hora do último dia de 2012 e o primeiro segundo do novo ano houve uma eternidade de nano-segundos em que a certeza do fim de todo o mal tornava a espera quase tão agonizante como a própria agonia de ser.

Os milhares de olhos nas esperanças cores espelhados sentiam já algum cansaço do que era velho, sujo e manchado por problemas resolvidos e por resolver. Por isso mal podiam esperar pelo seu fim, pressupondo a ocorrência desse mesmo fim o início de outra coisa qualquer. Mesmo parecendo haver nalgumas pessoas a convicção de que esse algo a iniciar seria necessariamente diferente (embora sem saber exatamente que tipo de diferença), foi-se abatendo à passagem dos minutos a incerteza quanto à diferença do que há para vir. As pessoas começavam a pensar que (por exemplo) talvez deveriam continuar a dormir periodicamente para descansar os tecidos e órgãos do seu corpo; para proporcionar às suas células os nutrientes e oxigénio necessários à vida deveriam continuar a fazer refeições várias vezes ao dia e, já agora, respirar; e se quisessem controlar os odores emanados pelo seu corpo, talvez fosse melhor continuar a tomar banho diariamente (embora o banho diário seja tudo menos um hábito ancestral). No fundo começaram a pensar que as preocupações centrais da sua vida e a própria continuariam evoluindo na continuidade, embora por momentos

houvesse outra esperança.

Os momentos de alegria e tristeza (e afins, mas basicamente estes) provavelmente continuarão a existir e mais provável ainda é a sua relação direta com todos os aspetos primários do nosso bem-estar. Mas nós continuaremos a pensar no que poderemos fazer de diferente...

2. Os salmões são injustiçados

Já alguém parou para pensar sobre a vida de um salmão? Ainda não? Sinto-me ligeiramente incomodado com a forma como as pessoas olham para o salmão.

A minha mãe adora-me, ama-me como eu acho difícil amar alguém... Até chego a afirmar que é a melhor mãe do mundo, o problema é que esbarro sempre n'alguém que tem a mania que a sua mãe é ainda melhor. E as mães dos salmõesinhos? Nessas nunca ninguém fala!

Se eu vos disser que a minha mãe não vive para ela, numa equação muito simples: filho + filha (tenho uma irmã) = mãe, o que pensariam? Se vos garantir que o prazer da minha mãe é só o reflexo do prazer que eu e a minha irmã transmitimos, o que diriam?

Certamente, as respostas às perguntas anteriores seriam diferentes se eu fosse um salmão. Se eu fosse um salmão, diriam que a minha mãe estava a preservar a espécie... Surge-me o conceito de racionalidade. Então, os salmões percebem que a sua espécie tem que ser salvaguardada, sob pena de sacrifícios individuais? Respondem os "sábios": não, eles não são providos de inteligência nem raciocínio, apenas reagem instintivamente. Eu pergunto: instinto? O instinto não é um piloto automático do bem-estar? A forma mais elementar de negação da abdicação do bem-estar mais primitivo?

Os salmões, assim como a cadela do meu primo (que não tocava nos biscoitos da sua tigela para que a

Por
VICENTE GOMES
Em LONDRES
VGOMES@HOTMAIL.COM



sua cria os comesse, depois desta já ter comido a sua ração), são injustiçados! Deixem-me só perguntar se atravessar meio oceano; entrar num rio de caudal com um apetite voraz; ultrapassar zonas rochosas (já nos riachos), tentando não sucumbir antes de encontrar local seguro para a desova e conseguir guardar os ovos em zonas seguras (onde os pequenos salmões nascerão), antes do descanso final... Tudo isso é instinto? Pode ser, mas se fosse um ser humano todos chamariam de amor incondicional!

3. Tudo se transforma

Só há uma coisa à qual pode ser atribuída toda a responsabilidade da nossa evolução (ou percepção da mesma).

Para acompanhar o raciocínio que vou tentar explicar a seguir, temos que estabelecer alguns pressupostos. O primeiro é que o homem existe; o segundo é que o Homem é um ser vivo; e o terceiro é que a vida hu-

mana é provida de racionalidade. Lavoisier disse: "Nada se cria, nada se perde, tudo se transforma!". Ele lá sabia o que queria dizer com isto, mas, dissecando o processo de evolução metafísica de um indivíduo (estamos a falar do homem como de qualquer outro ser, seguindo os mesmos três pressupostos acima referidos), chego dolorosamente à conclusão de que não criamos nem somos capazes de o fazer.

Temos uma sorte, uma grande sorte que nos leva a acreditar na nossa capacidade de criação. O nosso bilhete premiado é o erro. Um erro de transporte da informação! O emissor tem informação que vai sendo moldada pelo seu ambiente. Essa informação é constantemente codificada das mais diversas formas (a umas chamamos arte, a outras ciência...), podendo assim ser transmitida a outros seres. Esses seres distintamente descodificam a informação, auxiliados por toda a informação que já possuem.

A única coisa que vem condimentar isto é a certeza de que a informação não vai perfeitamente codificada nem chega modelarmente descodificada. A ilusão da criação dever-se-á assim ao erro que ocorre no processo de codificação e descodificação da informação.

4. Quanto pesa um quilograma?

Alguns dirão que um quilograma pesa 1000 gramas, outros que não pesa mais de 0,001 toneladas... Mas a verdade é que ninguém sabe quanto pesa um grama ou uma tonelada, embora desconfiem que é 0,001 quilogramas e 1000 quilogramas, respetivamente.

Aquelas pessoas que (durante a minha infância e adolescência) perguntavam aos mais pequenitos o que seria mais pesado entre um quilo de chumbo e um quilo de algodão, gozando com as respostas assertivas destes dizendo que o quilo mais pesado era o de chumbo, tinham toda a razão, pois

o quilo mais pesado não é o de chumbo. O erro dessas pessoas era a certeza de que todos os Quilogramas seriam iguais (como costuma acontecer com as certezas).

Os quilogramas não são todos iguais! É o que diz um artigo da revista científica "Metrologia", onde se dá conta que o Quilograma Protótipo Internacional guardado em Paris desde 1875 tem aumentado de peso devido à acumulação de contaminantes, o que deverá ser para o comum dos terrenos uma espécie de crostazinha. Mais grave do que isso é que todas as suas cópias (40) distribuídas pelo mundo também têm acumulado essa espécie de crostazinha. Pior ainda é que nenhuma delas está a acumular essa espécie de crostazinha à mesma velocidade. Resumindo, não há dois quilogramas iguais. Eu já desconfiava, pois há pessoas a quem um mesmo quilograma pesa sempre mais que às demais.

Ora, tendo em conta que o algodão é uma matéria muito menos densa, precisando de atingir um volume incomparavelmente maior do que o chumbo para pesar exatamente o mesmo, podemos logicamente provar que o quilograma de algodão é e sempre foi mais pesado do que o quilograma de chumbo, pois os tais contaminantes têm muito mais espaço para se poder instalar.

Até aqui não há novidade nenhuma, mas eles teimam em não aceitar que o Quilograma nunca pesará um quilograma...

O que advogam os cientistas que apresentaram o estudo na revista "Metrologia" é que o quilograma e as suas réplicas precisam de emagrecer, estando os mesmos a estudar uma forma de extrair a contaminante crostazinha do Sistema Internacional de Medição através de raios ultravioletas e ozono, mas quando é que vão perceber se chegaram ao peso certo? Qual será o Quilograma Protótipo que eles vão buscar para comparar? ▀

Londres, Fevereiro de 2013